

REFLEXÃO DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS A PARTIR DE UMA ANÁLISE DURKHEIMIANA SOBRE AS CORPORAÇÕES PROFISSIONAIS.

Maria da Guia de Oliveira

Mestranda em Sociologia pelo PPGS/UFPB/UFCG. Bolsista Capes.
Rua João Suassuna, 1628, 1º Andar, Bairro Monte Santo. Campina Grande, Paraíba.
CEP: 58101-551. E-mail: guiacoliva@bol.com.br

Benedita Edina da S. L. Cabral

Orientadora. DSA/UFCG.
Rua: Artur Monteiro Viana, 26, B. Conjunto dos Professores, Campina Grande, Paraíba. CEP:
58109-140. Tel.: (83) 333-2740. E-mail: jbscabral@uol.com.br

Resumo: O presente trabalho tem a finalidade de refletir sobre os grupos de convivência para idosos na cidade de Campina Grande a partir da análise de Émile Durkheim sobre o papel que os agrupamentos profissionais – grupos intermediários – estão destinados a desempenhar na organização social dos povos contemporâneos. Acredito que sua reflexão sobre as corporações profissionais em *A divisão do trabalho social* permite estabelecer um paralelo entre as antigas corporações de ofícios e os atuais grupos de convivência para idosos.

Palavras-chave: Grupos de Convivências – Idosos – corporações profissionais.

Área do Conhecimento: VII – Ciências Humanas

Introdução

Ao analisar historicamente o desenvolvimento das corporações profissionais, Durkheim afirma que estas sempre desempenharam o papel de organizadora social. Em Roma, no século VI a. C. os trabalhadores já se organizavam em corporações, para defenderem interesses comuns. Era uma espécie de grande família, onde os interesses substituíam os laços de sangue.

Ao longo do tempo as corporações foram mudando de caráter, elas se tornaram órgãos da administração estatal, cumprindo ordens oficiais do Império. Essa mudança segundo Durkheim, contribuiu para seu desaparecimento. Se o Império romano caiu, as corporações também entraram em ruína.

Depois de algum tempo, na Idade Média, as corporações voltaram a se organizar, nessa época elas tentam manter o caráter de autoridade moral e assistência social. De acordo com Durkheim, cada corporação na Idade Média, fixava regras de deveres tanto para os patrões como para os empregados. Elas tentavam também garantir a honestidade no exercício da profissão. “A

união dos indivíduos é a própria fonte da autoridade individual”.

Os indivíduos que se unem por possuir interesses comuns, o fazem, não só para defender esses interesses, mas para não se sentirem desamparados diante dos adversários, para terem o prazer da convivência, para levarem juntos uma mesma vida moral (Galliano apud Durkheim, 1981: 130)

Para Durkheim, o objetivo da sociologia, não é apenas conhecer, mas orientar o comportamento humano na sociedade. Para Galliano, no prefácio à segunda edição de *A divisão do trabalho social*, Durkheim pareceu assumir a postura de um reformador social, indicando o corporativismo, como forma de organização social característica da Idade Média, e também como solução para os conflitos e desordens incessantes que caracterizam a vida econômica moderna.

A solidariedade orgânica, forma de organização social característica das

sociedades modernas e baseada na divisão social do trabalho, é considerada por Durkheim como o tipo normal de vida social. Mas, por sustentar a diferenciação dos indivíduos, ela não consegue manter a ordem social, para tanto é preciso, adotar mecanismos institucionais, no caso as corporações, que possam controlar as tensões e conflitos gerados pelas diversificações dos indivíduos.

Durkheim denomina a falta de ordem na vida social, em anomia social, ela significa a perda da moralidade na vida econômica. No mundo moderno, a vida econômica tende a tornar-se cada vez mais especializado, fica difícil tanto para o Estado, como para a “sociedade política” regulamentá-la. Portanto segundo sua análise, caberia às corporações profissionais a regulamentação da moral

A atividade de uma profissão só pode ser regulamentada eficazmente por um grupo bastante próximo dessa mesma profissão para lhe conhecer bem o funcionamento, para sentir-lhe todas as necessidades e poder seguir todas as suas variações. O único que responde as essas condições é o que seria formado por todos os agentes de mesma indústria reunidos e organizados num mesmo corpo. É o que denominamos a corporação ou grupo profissional (Durkheim apud Galliano, 1981: 128)

Para Durkheim, os grupos sindicais constituem como um dos principais meios de integração social na sociedade moderna. A partir de um estudo empírico e etnográfico durante quase dois anos sobre os grupos de convivência para idosos, observei que tais grupos desempenham papel semelhante aos das corporações sindicais. Segundo vários estudiosos do envelhecimento, a expansão dos grupos de idosos, representa um estímulo à vida social, esses grupos tentam combater o isolamento social, estimulam a participação sócio - cultural na comunidade e a estruturação de pequenos serviços de auxílio e assistência, além de desenvolverem várias atividades de lazer.

Diante dessas afirmações, faço o seguinte questionamento: os grupos sindicais e de idosos podem ser realmente considerados “corporações” onde os indivíduos procuram se inserir para resolver problemas comuns? Tentarei responder a esta pergunta durante este ensaio.

Antes disso, gostaria de salientar que este estudo resulta tanto do estudo dos clássicos da sociologia como também de observações e experiência empírica, durante minha participação no projeto de pesquisa e extensão “Educação para o envelhecimento na família e na sociedade”, quando contatei vários grupos de convivência para idosos, em busca de conhecer sua realidade, bem como suas atividades e seus problemas.

As corporações e os grupos de convivência para idosos: uma visão durkheimiana do assunto

Émile Durkheim (1858–1917) é considerado o fundador da Sociologia, como uma ciência independente das demais Ciências Sociais. Sua principal preocupação foi definir com precisão o objeto, o método e as aplicações dessa nova ciência.

Em uma de suas obras fundamentais, *As regras do método sociológico*, publicada em 1895, formulou com clareza os tipos de acontecimentos sobre os quais os sociólogos deveriam se debruçar: os fatos sociais. Estes constituiriam o objeto da sociologia, e deveriam ser observados como “coisa”, sendo esta a primeira regra de observação para que o estudo sociológico se tornasse científico. Defensor da objetividade científica, para ele, o pesquisador deveria manter distância e neutralidade em relação aos fatos sociais. É preciso que o pesquisador deixe de lado suas pré-noções, seus valores e sentimentos pessoais em relação aos fatos estudados. Somente desvinculada de concepções filosóficas, a sociologia pode manipular com finalidade de estudo e análise, os fenômenos sociais.

Segundo Durkheim, ao escolher seu método de pesquisa, o cientista deve identificar, dentre os acontecimentos gerais e repetitivos, aqueles que apresentam características exteriores comuns. De acordo com Lakatos, na perspectiva funcionalista, para explicar um fenômeno social, deve-se

procurar a causa que o produz e a função que desempenha. Procura-se a causa nos fatos anteriores, sociais e não individuais; e a função, através de relação que o fato mantém com algum fim social (Lakatos: 1989: 49).

A divisão do trabalho social

A sua primeira obra é *A divisão do trabalho social* (1893), que foi sua tese de doutorado. Nela, Durkheim enuncia dois princípios básicos: consciência coletiva, e os tipos de solidariedade mecânica e orgânica. Seu tema central é a relação entre os indivíduos e a coletividade.

A consciência coletiva é o “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade” que “forma um sistema com vida própria”¹. De acordo com Durkheim, a consciência individual não determina as ações de uma pessoa; é a consciência coletiva que impõe as regras sociais, isto porque, ao nascer, a pessoa já a encontra pronta e constituída suas leis. A consciência coletiva é em certo sentido, a forma moral vigente na sociedade e aparece como regras fortes e estabelecidas que delimitam o valor atribuído aos atos individuais.

Existem em cada pessoa duas consciências, a coletiva e a individual; a primeira, predominante, os indivíduos compartilharão com o grupo; a segunda, será peculiar ao próprio indivíduo. Nas sociedades “primitivas” a consciência coletiva subjuga a individual, e as sanções aplicadas à pessoa que foge às normas de conduta do grupo são severas.

Por considerar que todas as sociedades havia evoluído a partir da horda, a forma social simples, igualitária, reduzida a um único segmento, onde os indivíduos se apresentavam justapostos e semelhantes, Durkheim caracteriza dois tipos de sociedade, a inferior e a superior.

Tais tipos consistem em duas formas de solidariedade social ou em dois princípios de integração entre os indivíduos e grupos no interior da sociedade: a

solidariedade mecânica e a solidariedade orgânica (Durkheim apud Galliano, 1981: 65).

A solidariedade mecânica predominava nas sociedades pré-capitalistas, onde os indivíduos se identificavam através da família, da religião, da tradição e dos costumes, permanecendo em geral independentes e autônomos em relação à divisão do trabalho social, a consciência coletiva aqui exerce todo o seu poder de coerção sobre os indivíduos.

Já a solidariedade orgânica, é típica das sociedades capitalistas, onde, através da complexa divisão do trabalho social, os indivíduos se tornavam interdependentes. Essa interdependência garante a união social, em lugar dos costumes, das tradições ou das relações sociais estreitas – como o motor de transformação e de manutenção de toda e qualquer sociedade.

Nas sociedades tribais e feudais, as pessoas se unem não porque uma depende do trabalho da outra, e sim, por uma religião, tradição ou sentimento comum a todos. Essa união chama-se solidariedade mecânica.

A solidariedade orgânica, ao contrário, aparece quando a divisão do trabalho social aumenta, e aí, como mostrado anteriormente, o que torna as pessoas unidas não é uma crença comum a todos, mas uma interdependência das funções sociais.

Segundo Durkheim, a consciência coletiva torna-se fragilizada nas sociedades capitalistas. As pessoas tornam-se mais livres, ou seja, os indivíduos são mutuamente dependentes, cada qual se especializa numa atividade e tende a desenvolver mais autonomia pessoal, isso faz regredir os controles das instituições tradicionais sobre as vidas dos indivíduos. Essa é uma nova forma de organização social, onde os interesses complementares cria novos laços e a consciência individual é mais livre. Assim, a solidariedade orgânica é superior a mecânica, pois ao se especializarem, as funções, a individualidade de certo modo, é ressaltada, permitindo maior liberdade de ação.

Nessa mesma obra, Durkheim afirma que o individualismo, pode ameaçar o convívio social, pois o indivíduo pode exigir da coletividade mais do que esta pode lhe

¹ DURKHEIM, E. A divisão do trabalho social. Presença, 1997:342.

dar. Para resolver este problema é preciso organizar grupos profissionais que favoreçam a integração dos indivíduos na sociedade. Somente o

grupo profissional possui um poder moral capaz de conter os egoísmos individuais, de manter no coração dos trabalhadores um mais vivo sentimento da sua solidariedade comum, de impedir que a lei do mais forte se aplique tão brutalmente as relações comerciais e industriais (Durkheim, 1984: 17).

Segundo Durkheim, as corporações podem regulamentar a vida econômica na sociedade moderna. Esta com a grande divisão do trabalho social encontra-se em estado de anomia jurídica e moral. Isso ocorre principalmente porque as funções econômicas se tornaram mais importante que as funções administrativas e religiosas. Com isso, Durkheim afirma que:

a ausência de toda disciplina econômica não pode deixar de estender seus efeitos para além do próprio mundo econômico e de provocar como consequência uma diminuição da moralidade pública (Galliano, 1981: 127).

De acordo com Durkheim, as corporações podem regulamentar a perda da moralidade na vida econômica. Sua função é atender aos interesses comuns e de manter a autoridade individual. Mas, elas precisam passar por algumas mudanças na sociedade moderna. Antes de mostrar essas mudanças ele mostra a evolução do regime corporativo.

A corporação romana foi uma instituição extra-social, ela tinha um caráter mais religioso do que profissional, e com isso não tinha função na organização política da República.

Em nenhum lado o grupo profissional tomava parte, enquanto tal, na vida pública, quer como corpo, quer por intermédio de representantes regulares (Durkheim, 1997: 27)

Na Idade Média, a situação das corporações é completamente diferente, elas se apresentavam como expressão de uma pequena parte da população, a burguesia, que se apresentava nas assembleias populares ao lado da nobreza e do clero.

Assim, na medida em que o comércio e a indústria se desenvolveram, as comunas foram formadas a imagem das corporações. Elas serviam de base ao sistema político, passando a ser elementares às sociedades. Com a expansão do comércio e das indústrias, as comunas não conseguiram se adaptar a esta nova forma de vida econômica e desapareceram.

Por sua vez, o Estado, tentou controlar o progresso da indústria. Mas, à medida que a grande indústria se expandia e diversificava, era mais difícil o seu controle. Enquanto isso, as corporações, que exerciam o mesmo papel em relação ao artesanato, foi perdendo sua razão de ser e desapareceu novamente.

Depois de mostrar a evolução histórica das corporações, Durkheim indica algumas mudanças que elas devem passar para se adaptar à sociedade moderna. A primeira, indica que os quadros dos grupos profissionais devem estar sempre em correspondência com os quadros da vida econômica. Isso significa, que na medida em que o comércio se expande, deixando de ser local, para se tornar nacional ou internacional, as corporações devem ter as mesmas extensões, tanto geográfica como funcional.

Além disso, as corporações devem ter contato com o Estado, que é o órgão central da vida coletiva. E ao mesmo tempo, não se restringir ao estabelecimento e aplicação de regras. Dessa forma, as corporações, segundo Durkheim, tentam buscar satisfações individuais e ao mesmo tempo, manter laços sociais. As suas principais funções, são: a de assistência, de recreação e de educação, além de intermediária entre o Estado e os indivíduos.

De acordo com Boissier, as pessoas se associam as corporações operárias pelo prazer de viver em conjunto, para encontrarem fora de sua casa distrações para suas fadigas, para os seus aborrecimentos e para provocarem uma

intimidade menos restrita que a da família, menos extensa do que as da cidade, e tornarem assim a vida mais fácil e mais agradável. Da mesma forma, Cabral e Motta, afirmam que os grupos de idosos contribuem para que as pessoas tenham relações geracionais e até mesmo de gênero. O grupo é portanto, o lugar onde os idosos tecem relações de proximidade e aconchego caloroso. É nele que as pessoas buscam satisfação pessoal e convivem com pessoas da mesma idade. As atividades realizadas têm objetivos lúdicos, pedagógicos e produtivos. (Cabral, 1997: 160). Os grupos de idosos também reivindicam direitos, tais como, de passe livre nos ônibus urbanos e interurbanos.

As primeiras experiências de que se tem notícia de grupos de idosos, segundo Cabral e Debert (1997), aconteceram em países do Continente Europeu, expandindo-se rapidamente para outros países. Foi possivelmente a primeira concepção mais aberta de se atender a população longeva, criando-lhes oportunidades de retorno e a participação em suas respectivas comunidades. Sua principal proposta é a ocupação do tempo livre, com atividades de lazer, em diferentes campos de interesses, como por exemplo, cultural, intelectual, físico, manual e artístico.

A partir da análise de Durkheim sobre as corporações profissionais, pode-se supor que os grupos de idosos têm praticamente as mesmas funções, que são a de assistência, de educação e recreação. Além disso, as corporações na sociedade moderna desempenham o papel de mediadora política, podendo intermediar entre o Estado que ele considera “hiperatrofiado” e os vários indivíduos que se encontram desorganizados. Não posso afirmar que os grupos de idosos desempenham também o papel de intermediador entre o Estado e os idosos, é preciso um estudo mais conciso, para dar tal afirmação. Mas durante pesquisa de campo, presenciei vários debates sobre a política do idoso e sobre alguns de seus direitos como cidadãos.

Segundo vários estudiosos do envelhecimento, com a constituição da aposentadoria a velhice dos trabalhadores tem como similitude a invalidez e a incapacidade de produzir. Geralmente a

realização do trabalho na sociedade brasileira, é o único meio para que a vida tenha sentido para a maioria da população. Isso inclusive é incutido desde a infância para que a vida continue tendo sentido e as próprias instituições que preparam para a vida adulta apregoam essa ideologia. Quando o sentimento de inutilidade surge após a aposentadoria, a pessoa percebe que não terá mais uma vida ativa vinculada ao processo produtivo. E ainda, a aposentadoria é relacionada a invalidez, ou a incapacidade de produzir, sendo vista pela maioria dos trabalhadores como um problema, pois não terá mais nada para fazer no processo de produção.

Com o intuito de resolver tanto estes problemas como outros a que estão submetidos os idosos, crescem o número de grupos de convivência para pessoas com mais de 60 anos, desenvolvendo as mais diversas atividades, considerados pelos gerontólogos o melhor caminho para atender as necessidades dos idosos, e surgem, ao mesmo tempo, programas para combater o estigma que estão submetidos os idosos.

No Brasil, o primeiro grupo de convivência para idosos foi implantado pioneiramente na cidade de São Paulo, nos anos 70, pelo Serviço Social do Comércio - SESC², e expandiu-se rapidamente. Isso aconteceu, pela proposta de ocupação do tempo livre com atividades de lazer, em diferentes campos de interesse. Esta talvez seja uma diferença entre os grupos de idosos e as corporações. Pois, enquanto os grupos de idosos estão mais interessados em ocupar o tempo livre, que se adquire após a aposentadoria, as corporações estão mais ligadas a vida econômica.

As ações dos grupos de idosos são semelhantes aos das corporações profissionais, no que diz respeito, aos princípios básicos: estímulo à participação sócio-cultural na comunidade e estruturação de pequenos serviços de auxílio e assistência.

Considerações Finais

Como foi exposto anteriormente, para mostrar a importância das corporações

² CABRAL, B. E. L. (1997). In: A vida começa todos os dias.

profissionais nas sociedades modernas, Durkheim analisou primeiramente a maneira como evoluiu o regime corporativo e que causas determinaram as principais variações que sofreu. O que ele percebeu através de seu estudo, foi que no passado a corporação atendia somente as necessidades da burguesia. Na Idade Média ela encontrava-se ligada à comuna, isso fez com que ela desaparecesse temporariamente, pois na medida em que as sociedades foram se desenvolvendo ela não podia servir, enquadrar e regular uma forma de atividade coletiva tão completamente complexa e estranha a vida comunal.

Segundo Durkheim, o remédio para o mal-estar social é a organização corporativa. A ausência de qualquer instituição corporativa cria na organização de um povo, um vazio de que é difícil avaliar a importância. Por isso o autor afirma que ela faz parte do conjunto social, da vida coletiva.

As corporações profissionais assim como os grupos de convivência para idosos, são organizações onde os indivíduos percebem que tem em comum idéias, interesses, sentimentos, ocupações, que outros segmentos da população não possuem e nem partilham com eles, isso torna inevitável que sob a influência das similitudes sejam atraídos uns para os outros, se procurem, se relacionem, se associem, e formem um grupo restrito, tendo sua fisionomia especial no seio da sociedade geral.

Contudo, a discussão sobre as corporações profissionais em Durkheim é importante para se refletir sobre os grupos de convivências para idosos por desempenhar o mesmo papel dentro da sociedade moderna, que é resolver os problemas aos quais estão submetidos os idosos, o mais grave é o isolamento social.

O que Durkheim pretende ao analisar as corporações profissionais é abordar os fatos da vida moral segundo o método das ciências positivas. De acordo com o autor, os fatos morais são fenômenos sociais como outros e portanto é possível observá-los, descrevê-los, classificá-los e procurar as leis que os expliquem. Sua proposta é estudar a realidade para melhorá-la. Seu estudo permite refletir sobre os grupos de convivência para idosos por que estes

desempenham papel semelhante dentro da sociedade moderna, que é o de tentar resolver os problemas dos idosos.

Tanto os grupos de convivência para idosos como os grupos profissionais possuem o mesmo caráter que é manter os indivíduos inseridos no seio da sociedade e de se manterem unidos por laços sociais, além de poderem reivindicar interesses comuns. As funções dos grupos de convivência são as mais diversas, tais como: a de assistência, ensino técnico, e educação para a “terceira idade”, atendem as necessidades estéticas e físicas, que são incluídos o lazer e outras atividades de desenvolvimento pessoal.

Segundo estudiosos do envelhecimento, os grupos de idosos aparecem como o modelo mais difundido e aceito em todo o mundo, por apresentar resposta efetiva e imediata à questão fundamental da problemática do idoso, isto é, a falta de inserção social. Isto acontece principalmente através das atividades de lazer. Pessoalmente questiono sobre essa afirmação: será mesmo preciso a constituição de tais grupos para atender a população idosa? Por que seus problemas não podem ser resolvidos no seio familiar? Não poderiam simplesmente serem resolvidos em outros segmentos sociais, como por exemplo, associações que prestam trabalhos voluntários, as quais contribuem para que os idosos não se sintam inúteis e desocupados, apenas a espera da hora da morte?

Segundo estudiosos do envelhecimento, os frequentadores dos grupos de convivência, tentam ocupar o seu tempo livre adquirido após a aposentadoria, com atividades recreativas, divertindo-se. O grupo de idoso é o lugar do desenvolvimento pessoal, as pessoas que nele participam buscam melhorar suas qualidades de vida, obtendo conhecimento sobre sua própria realidade, procurando combater visões preconceituosas, que a sociedade mantém a respeito de suas vidas, tais como: inutilidade, improdutivo, que devem ficar em casa assistindo televisão. Interagindo com pessoas de idade relativamente iguais, eles tentam com ajuda de profissionais que atuam nos grupos, desenvolver a auto-estima, e conhecer sobre seus direitos e deveres.

Tudo parece indicar que Durkheim tinha razão em insistir na importância das corporações na vida social. Os grupos de convivência para idosos desempenham papel semelhante na sociedade moderna. Além de contribuir para sociabilidade, os membros despertam a consciência e reforçam a idéia de que a união em torno de reivindicações por interesses comum, tem mais chances de vitória. Os grupos com a prática das mais variadas atividades, principalmente de lazer, fazem o idoso se sentir um membro ativo e útil à sociedade.

Apesar de Durkheim constituir, segundo Galliano, um certo caráter conservador, por tentar buscar no passado um instrumento para controlar as tensões e conflitos econômicos do presente, mantendo intacta, a organização mercantil da economia que dá origem a esses males. As corporações, ou seja, os grupos, têm praticamente o mesmo papel que desempenhavam anteriormente dentro da sociedade moderna, principalmente o de solidariedade e relação interpessoal. Atualmente existem vários tipos de grupos, que buscam atender as variadas necessidades da população, como por exemplo, os sindicatos, os Clubes de Mães, as Associações dos Amigos do Bairro- SAB e os grupos de idosos, como revelam as inúmeras pesquisas sobre o tema.

Bibliografia

ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. 4. Ed. São Paulo, SP: Martins Fonseca, 1993.

AUGÉ, M. **O sentido dos outros**: atualidade da antropologia. Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1999.

CABRAL, E. S. L. A vida começa todo dia. In: **Revistas de estudos feministas**. Rio de Janeiro, RJ. 1997: 159 – 168.

_____. “ Família e idosos no nordeste”. In: **Dossiê: Gênero e família**, caderno 29, CRH. Salvador, BA: UFBA, 1999: 13 – 149.

_____. **De trabalhadores aposentados do prorural**: as contradições da política e a concentração tardia de direitos. Dissertação de mestrado em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campina Grande – PB, 1989.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: **Velhice ou terceira idade**. Rio de Janeiro, RJ. 1998: 49 – 85.

_____. Envelhecimento e representações sobre a velhice. In: **Anais do VI encontro nacional de estudos populares**. Rio de Janeiro, RJ: IFCS, 1988.

DURKHEIM, E. **Sociologia**. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo, SP: Ática, 1984.

_____. **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Presença, 1997.

_____. **Sociologia e filosofia**. 4 Ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1983.

GALLIANO, A. G. **Introdução a sociologia**. São Paulo, SP: Harper & Row do Brasil, 1981.

HERBENAS, Paulo. **Aprendendo: da sociologia a paixão do conhecimento**. 5 Ed. São Paulo, SP: Loyola. 1988.

LAKATOS, E. M. **Sociologia geral**. 5 Ed. São Paulo, SP: Atlas, 1985.

MARX, K. **O Capital**. Vol. 1 – 7 Ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1989.